

O LÚDICO COMO PRESSUPOSTO PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM PLENO EM SCHILLER

Marcelo Dias Rabelo*

Resumo: Este trabalho pretende fazer uma incursão pelo universo das forças que regem o homem e as quais Friedrich Schiller chamou de impulsos. A partir da descrição de tais impulsos, surge a necessidade de compreendê-los de forma harmônica. Neste processo sobressai a importância do impulso lúdico para a educação e, conseqüentemente, para a formação do homem pleno. Paralelamente ligaremos à temática a urgência de mudar o caminho que a educação atual vem percorrendo, através do qual o impulso lúdico, infelizmente, não é mais que a mera sombra das árvores que vão ficando para trás à medida que se vai seguindo em frente. O objetivo é destacar uma ideia de educação, a partir do lúdico, com o potencial de transformar e contribuir para que essas forças, inerentes ao homem, possam conduzi-lo à plenitude.

Palavras-chave: Educação. Lúdico. Impulso. Estética.

1. INTRODUÇÃO

A formação plena do homem é o ponto central dos textos do filósofo, poeta e dramaturgo alemão Johann Christopher Friedrich von Schiller (1759-1805). Romântico e apaixonado pelos ideais gregos, Schiller defende a ideia de que é através da educação que o homem atinge a excelência física e moral (*Aretê*). Esta educação é estética e é muito mais importante do que conquistar honra e glória. Em uma série de cartas endereçadas ao seu mecenas, o príncipe Friedrich Christian von Schleswig-Holstein-Sonderburg-Augustenburg, Schiller

* Licenciado em filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: marcelogogh@gmail.com



expõe os alicerces de sua teoria educativa que está como que entremeada com a sua estética.

O conjunto dessas cartas, ao lado das cartas que trocou com o seu amigo Christian Gottfried Körner, encontram-se reunidas na obra: *A educação estética do homem*, que visa propor um novo direcionamento para o campo estético e, conseqüentemente, para a educação do homem. Nessas cartas, além de tratar de temas como o belo, a ética, a estética, a educação, etc., Schiller faz uma reflexão antropológica sobre as forças que movem e regem o homem. Tais forças são, precisamente, o impulso sensível, o impulso formal e um terceiro impulso que ele denominou de impulso lúdico. Este último, o impulso lúdico, deve ser o ponto de equilíbrio entre os outros dois impulsos. O impulso lúdico, por estar envolto em um universo de liberdade e de espontaneidade, é fundamental para a formação humana em todas as suas dimensões.

Observando a educação que é oferecida aos jovens de hoje notamos que, habitualmente, ela está concentrada no campo formal, racional. Esta centralidade acaba reprimindo o impulso sensível e o impulso lúdico, na medida em que não valoriza, como deveria, a arte, o esporte, a música, as brincadeiras, os jogos, etc. É bem verdade que há espaços físicos e também espaço na grade curricular para o cultivo de algumas destas artes. O que podemos observar, no entanto, é que estas áreas do conhecimento, nos espaços formais de ensino, são desenvolvidas de maneira caricatural, não dando importância ao real potencial que o impulso lúdico proporciona, no contexto de uma formação completa.

A presença do elemento lúdico na formação do homem é algo natural. Antes mesmo de sermos *Homo sapiens* ou *Homo faber*, somos *Homo ludens*, ou seja, carregamos em nossa estrutura antropológica a essência da arte de brincar e jogar. Mas o que observamos, hoje em dia, é um certo abandono, por parte das instituições de ensino, deste traço antropológico e o crescente direcionamento dos jovens, através de diversas políticas públicas, somente para o ensino técnico, onde o impulso formal é o único a ditar as regras. Essa prática acaba gerando uma diminuição dos potenciais humanos, criando uma barreira para a formação plena do homem.



2. AS FORÇAS QUE MOVEM O HOMEM

Segundo Schiller, o homem é movido por duas forças contrárias que exercem uma enorme influência em sua maneira de agir e de pensar. Essas forças atuam independentemente uma da outra e tem grande influência sobre as ações humanas. Dessa forma, o homem não é capaz de realizar-se como pessoa e nem de realizar tarefas utilizando todo o seu potencial, haja vista o desequilíbrio de forças gerarem limitações. O pressuposto essencial de Schiller é que somente na esfera do impulso lúdico essas duas forças são capazes de atuarem juntas, podendo assim contribuir para a formação plena do ser. Esta é a razão para a preocupação da educação dos jovens, à medida que esta deve ter como meta principal prepará-los para alcançar a plenitude, ou seja, para serem cidadãos e cidadãs plenamente desenvolvidos. Essa educação deve ser estética e deve ser conduzida tendo o lúdico como palco onde todo o enredo da vida humana deve ser encenado.

O pressuposto antropológico de Schiller é este: o homem é movido por duas forças opostas, próprias da sua natureza: o impulso sensível e o impulso formal. Jorge Anthonio e Silva, em seu livro *O fragmento e a síntese*, esclarece que estes pressupostos não são algo secundário e sim que eles fazem parte da condição do homem no mundo: “São potências coexistentes e separadas pela própria condição do ato humano de estar inteligentemente no mundo” (2003, p. 94). São duas forças que movem o homem rumo a estruturação da sua personalidade de maneira bem distinta tanto positiva como negativamente. Porém, como explica Schiller, a oposição entre essas forças não é um imperativo da natureza, mas sim um conflito de atuação entre elas. A expressão externa e, portanto, mais visível destes dois impulsos podem ser descritas como razão e emoção. Ambas habitam o interior do homem e buscam se estabelecer através do exercício do domínio de uma sobre a outra, dentro e fora dos seus limites.

A depender do contexto em que vive o homem e de como a sua formação é desenvolvida, uma dessas forças pode acabar se sobressaindo em detrimento da outra. Segundo Schiller, quando isso acontece acarreta um enorme prejuízo à



formação plena do homem, no contexto de uma educação capaz de gerir, harmonicamente, estes impulsos vitais, toda a sua existência. O homem, naturalmente, não é só razão, nem tampouco somente emoção. Existir plenamente significa buscar sempre a máxima união entre essas duas forças. O papel da cultura – sinônimo de educação – como esclarece Schiller, na *Carta XIII*, é auxiliar o homem a cuidar, zelosamente, para que essas forças atuem dentro dos seus limites.

Vigiar e assegurar os limites de cada um dos dois impulsos é tarefa da *cultura*, que deve igual justiça aos dois e não busca afirmar apenas o impulso racional contra o sensível, mas também este contra aquele (SCHILLER, 2013, p. 63-64, grifos do autor).

Segundo Schiller, o impulso sensível parte da existência física do homem e está ligado às suas emoções. Momento em que, segundo Jorge Anthonio e Silva, “[...] impera apenas a sensação do presente sem liames com a potência infinita do ser na razão” (2003, p. 98). Nesse ambiente a natureza sensível é quem comanda e dita as regras do jogo, o homem não tem nenhum controle sobre as suas ações e sentimentos. Esta é uma condição primitiva que é a condição natural que passa pelo estado estético e deságua no estado moral. “No estado *físico* o homem apenas sofre o poder da natureza, liberta-se deste poder no estado *estético*, e o domina no estado *moral*” (SCHILLER, 2013, p. 113, grifos do autor). Esse estado de natureza, embora nele o homem encontre tantas possibilidades favoráveis, ao mesmo tempo ele encontra-se envolto por limitações, pois o âmbito desse impulso mostra-lhe a necessidade dos outros dois estados. No estado físico, o pensamento e a sensibilidade podem criar asas e voar para além dos seus domínios, mas logo tem que voltar à sua realidade e às suas limitações.

Onde, portanto, este instinto age de modo exclusivo, existe necessariamente a máxima limitação; o homem neste estado nada mais é que uma unidade quantitativa, um momento de tempo preenchido – ou melhor, *ele* não é, pois sua personalidade é suprimida enquanto é



dominado pela sensibilidade e arrastado pelo tempo (SCHILLER, 2013, p. 59, grifo do autor).

Muito embora seja o impulso sensível que desperta os talentos, as vocações e impulsiona o homem rumo à sua realização plena, no estado estético e moral, é ele que impossibilita alcançar a perfeição.

Embora seja somente ele que desperta e desdobra as disposições da humanidade, é também ele que torna impossível a sua perfeição. Com ligas indestrutíveis, acorrenta ao mundo sensível o espírito que se empenha pelo mais alto, e faz voltar aos limites do presente a abstração que marcha livremente para o infinito (SCHILLER, 2013, p. 60).

Para Schiller, o impulso formal parte da existência absoluta do homem, ou seja, de sua natureza racional tem como objetivo a liberdade deste. É o estado estético que busca harmonizar o sujeito dentro de uma variação de fenômenos, na medida em que esse homem, enquanto unidade absoluta e indivisível tem um posicionamento afirmativo e coerente em qualquer tempo. O impulso formal, nas palavras de Jorge Anthonio e Silva, “É o conhecimento que equilibra a diversidade dos fenômenos sem contraditar-se, [...]” (SILVA, 2003, p. 98). É um impulso que nunca pode contradizer-se em suas exigências e posicionamentos. O impulso formal, ao contrário do impulso sensível, é aquele que fornece as leis. Essas leis ajustam-se aos homens em qualquer tempo numa roupagem universal e necessária. Diferente do impulso sensível que, num dado momento, pode afirmar uma ideia e mais adiante mudar de posição, o impulso formal quando afirma algo aquilo é eterno e invariável.

O sentimento pode apenas dizer: isto é verdade para este sujeito e neste momento, um outro momento e outro sujeito podem vir a retirar o que a presente sensação afirma. Quando o pensamento, entretanto, afirma: *isto é*, ele decidiu para sempre e eternamente, e a validade de sua afirmação é corroborada pela própria personalidade que resiste a toda alternância (SCHILLER, 2013, p. 61, grifos do autor).

Dessa maneira, para Schiller, quando o impulso formal se destaca há uma elevação do ser. Nesse estágio o homem sai da sua condição de indivíduo e torna-



se espécie passando a habitar o juízo universal: lugar onde as ações particulares representam a escolha de todos. Mas o domínio do impulso formal, sobre as outras tendências, não fornece as garantias para que o homem possa alcançar a plenitude pois, ainda assim, haverá a valorização de um em detrimento do outro. O que unifica e fornece unidade e completude ao homem movido, naturalmente, pelo jogo de forças do impulso sensível e formal é o impulso lúdico.

3. O IMPULSO LÚDICO

Quando um dos impulsos – sensível e formal – se destaca, uma desarmonia se instala no interior do homem, pois, ao mesmo tempo, não é possível alcançar uma perfeita harmonia e colaboração entre eles. Dado que são impulsos vitais, eles precisam atuar em harmonia para contribuir para a formação plena do homem. Nesse sentido, para Schiller, não é possível a harmonia no interior do homem se apenas um dos impulsos for desenvolvido, em detrimento do outro. Não é possível que a formação (educação) trabalhe no desenvolvimento de um dos impulsos e depois do outro. O ideal seria trabalhá-los simultaneamente, o que permitirá ao homem uma experiência consciente de liberdade e existência, de matéria e espírito, como descreve a *Carta XIV*.

O homem não pode experimentar a sua concordância com esta Ideia, com sua humanidade no sentido mais pleno; enquanto satisfaz exclusivamente um destes impulsos ou os dois sucessivamente: pois, enquanto *apenas sente*, fica-lhe oculta a sua pessoa, ou sua existência absoluta, e, enquanto *apenas pensa*, fica-lhe oculta a sua existência no tempo, ou seu estado (SCHILLER, 2013, p. 69, grifos nossos).

Para Schiller somente com a cooperação e o trabalho conjunto entre os impulsos sensível e formal, no âmbito em que os dois atuam juntos, mediados pelo impulso lúdico, é possível atravessar o portal que conduz o homem à sua liberdade e ao conhecimento intuitivo da sua humanidade. Para que isso aconteça, cabe à razão criar esse ambiente de reciprocidade, enquanto estatuto filosófico da formação e estética, como descreve Jorge Anthonio e Silva:



É buscando um estatuto filosófico no pensamento de contemporâneos seus que Schiller avança no projeto de apresentar sua educação estética. Entende que compete à razão humana o exercício de engendrar a dinâmica equilibradora dos impulsos e, com isso, permitir ao sujeito o acesso à sua plenitude de humanidade. Sabendo-se que os impulsos sensível e formal não são coetâneos, já que um está determinado no tempo e o outro é liberdade para sempre, ao homem que busca a perfeição de sua existência compete o ideal de torná-los reciprocidade regulada (SILVA, 2003, p. 108).

É o amanhecer de uma nova condição humana. Onde razão e sentimento, essas forças antagônicas que ora empurra o homem para um lado, ora puxa para o outro lado como aquela brincadeira da infância chamada cabo de guerra, agora se unem para, juntas, conquistarem os reinos da existência e da imaginação. Segundo Schiller é o surgimento de uma nova dimensão, de uma força capaz de equilibrar e de fazer com que os outros dois impulsos elevem o homem a um patamar de plenitude.

Os dois impulsos impõem necessidade à mente: aquele por leis da natureza, este por lei da razão. O impulso lúdico, entretanto, em que os dois atuam juntos, imporá necessidade ao espírito física e moralmente a um só tempo; pela supressão de toda contingência ele suprimirá, portanto toda necessidade, libertando o homem tanto moral quanto fisicamente (SCHILLER, 2013, p. 70).

Para Schiller, no contexto de lutas entre essas forças, onde o impulso sensível (vida) presente nos sentidos e o impulso formal (forma) visa estabelecer relações entre os objetos e as faculdades do pensamento, atuam de maneira tão desunida, não é possível uma educação voltada para a beleza, onde os sentimentos e a razão atuem no mesmo palco. Isso só é possível com o auxílio do impulso lúdico, força que representa a real possibilidade de união entre os impulsos sensível e formal. Como ressalta o comentador: “A combinação dessas duas instâncias faz resultar o *impulso lúdico*, a cujo objeto Schiller designa de *forma viva*” (SILVA, 2003, p. 112, grifos do autor). A forma viva, objetivo da educação estética, surge da ligação entre forma (impulso formal) e vida (impulso



sensível), visível no impulso lúdico, expresso no processo de um jogo. No caso do ser humano ele só consegue trilhar o caminho da plenitude quando é educado para assumir forma e vida ao mesmo tempo. Enquanto só forma ele é inerte, enquanto só vida ele é uma mera impressão. É preciso que a forma sensível viva, no entendimento, através do belo.

Enquanto apenas meditamos sobre a sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é informe, mera impressão. Somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando o julgamos belo (SCHILLER, 2013, p. 73).

A beleza, enquanto consumação da humanidade, não pode advir simplesmente da vida ou da forma, ela é objeto comum de ambos os impulsos, capitaneada pelo impulso lúdico. Esse jogo lúdico transcende os impulsos do homem elevando-o até o reino da beleza. Como diz Schiller de forma categórica:

[...] o homem deve somente *jogar* com a beleza, e somente *com a beleza* deve jogar. Pois, para dizer tudo de vez, o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga* (SCHILLER, 2013, p. 76, grifos do autor).

Este estado, estado de total entrega a beleza, é sinônimo de liberdade no fenômeno, ou seja, a beleza é uma forma da vontade pura que se expressa no fenômeno, como escreve Schiller em uma carta a Körner, de 8 de fevereiro de 1793: “A beleza não é pois outra coisa senão liberdade no fenômeno” (SCHILLER, 2002, p. 60). Através da beleza, o homem torna-se mestre de suas forças passivas e ativas conjugando-as, a um só tempo, para, a partir daí, moldar a sua vida de maneira verdadeiramente consciente e livre, pois sabedor dos seus limites e possibilidades. Tornando-se um homem moralmente exemplar e esteticamente refletidor da beleza.

Se nos entregamos, entretanto, à fruição da beleza autêntica, somos senhores, a um tempo e em grau idêntico, de nossas forças passivas e ativas, e com igual facilidade nos voltaremos para a seriedade e para o



jogo, para o repouso e para o movimento, para a brandura e para a resistência, para o pensamento abstrato ou para a intuição (SCHILLER, 2013, p 106).

Dada a importância do impulso lúdico para a harmonização dos outros dois impulsos, torna-se imprescindível uma reflexão sobre o processo educativo. Para que possamos desenvolver no homem a sua excelência física e moral¹, não é possível pensar uma educação onde o elemento lúdico não ocupe o centro do processo educativo. Mas se fizermos um passeio pelas nossas escolas será que de fato isso acontece? Será que os nossos jovens gozam de uma educação integral e que valoriza, ao mesmo tempo, todos os impulsos da sua natureza?

4. A EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO LÚDICO

A partir da leitura das *Cartas* de Schiller, podemos “julgar” o nosso processo educativo. O que temos hoje nas escolas é uma educação voltada, exclusivamente, para o desenvolvimento do impulso formal. Nos programas escolares o conhecimento racional ocupa o lugar central de grande parte do processo educativo do jovem. Como dissemos antes, onde não há harmonia e equilíbrio não há espaço para o desenvolvimento dos sentidos de forma plena, uma vez que um dos impulsos (formal) tornou-se o centro do processo. Sem o embate entre os dois impulsos primitivos, o impulso lúdico não realiza a síntese.

Em um ambiente desfavorável para a formação plena da educação estética, os jovens têm a sua subjetividade, os seus interesses particulares, as suas diferenças e gostos totalmente desestimulados ou padronizados a partir apenas de um dos impulsos: do impulso formal. É uma educação unilateral cujo objetivo é preparar os jovens para assumir competências que muitas vezes estão longe do seu ideal de vida. Com isso as outras faculdades, inerentes a natureza, são deixadas fora do contexto da formação. A ausência de uma educação equilibrada, que tenha como meta a formação estética, causa um prejuízo

¹ Este ideal educacional que procurava unir o belo e o bom, na Grécia Clássica, era nomeado pelos gregos de *kalokagathia*.



enorme à formação dos jovens. Schiller é categórico quando acusa tais processos de serem coercitivos e violentos e, mais uma vez, ratifica que a liberdade encontra-se na atuação conjunta das naturezas sensível e formal:

Qualquer dominação *exclusiva* de um de seus dois impulsos fundamentais é para ele um estado de coerção e violência; a liberdade está somente na atuação conjunta de suas duas naturezas (SCHILLER, 2013, p. 84, grifos do autor).

O Estado, responsável último pelo processo educativo, espera que com a formação unilateral dos jovens – através do privilégio dado ao componente racional (formal) – que as crianças e os jovens possam chegar a um desenvolvimento pleno dos seus potenciais. Mas isso é um grande erro, pois basta olhar para os lados para ver seres humanos da mais alta formação profissional, ao mesmo tempo, divididos, robotizados, fragmentados e infelizes, ou seja, distantes da sua completude.

Ao concentrarmos, justamente, toda a energia de nosso espírito num *único* foco e contrairmos todo o nosso ser em uma única força, damos asas a esta força isolada e a conduzimos artificialmente para além dos limites que a natureza parece ter-lhe imposto (SCHILLER, 2013, p. 40, grifos do autor).

Segundo a nossa leitura dos textos de Schiller, a sua proposta para reverter esse quadro e reencaminhar o homem para uma realização plena é uma reorganização da formação que viabilize o surgimento do terceiro impulso, como princípio corretivo, ou seja, uma ferramenta da razão² que tem no estético e no lúdico o seu ponto de equilíbrio. A arte, em suas várias expressões artísticas, tais como a dança, a pintura, o teatro, etc., assim como os jogos e as brincadeiras, é um meio através do qual podemos ter acesso ao elemento natural e,

² Importa chamar a atenção para este elemento: o estético não é algo irracional ou fora da esfera racional. Na antropologia de Schiller o elemento estético é constitutivo do ser racional. Em um trecho da carta XVII ele não deixa dúvidas sobre como superar a tensão entre os dois impulsos: “Para podermos conceber a beleza como um meio de suprimir essa dupla tensão, temos de tentar buscar sua origem na mente humana” (SCHILLER, 2013, p. 84-85).



antropologicamente, complementar da formação do homem plenamente desenvolvido. O jogo pode ser um elemento revelador dos valores de uma sociedade, de um povo, como escreve Colas Duflo, em seu livro *O jogo*:

O jogo, conseqüentemente, é o lugar onde o homem é mais completo. Sendo assim, podemos reconhecer a grandeza propriamente humana de uma civilização, que compreende, é claro, sua relação com o belo, pelos tipos de jogos que ela aprecia e que pratica (DUFLO, 1999, p. 75).

O jogo, a arte, exemplos das expressões do impulso lúdico, são canais de conhecimentos que, além de proporcionar prazer e liberdade, possibilita e, ao mesmo tempo revela, uma estreita ligação com o todo. Nesse universo, onde a ludicidade está presente, os nossos impulsos atuam equilibradamente e os conflitos são administrados da melhor maneira. Por isso, em se tratando do desenvolvimento educacional dos jovens, na VI *Carta Schiller* aconselha o respeito equilibrado à natureza humana, sem privilégio de um impulso sobre o outro:

A razão pede unidade, mas a natureza quer multiplicidade, e o homem é solicitado por ambas as legislações [...]. O Estado não deve honrar apenas o caráter objetivo e genérico nos indivíduos, mas também o subjetivo e específico; não deve, ao ampliar o reino invisível dos costumes, despovoar o reino do fenômeno (SCHILLER, 2013, p. 30).

Podemos deduzir do texto schilleriano que é imprescindível, à formação humana, a presença do elemento lúdico no processo educativo. Pois como dirá Huizinga “Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional” (HUIZINGA, 2012, p. 6). É no desfrute de atividades lúdicas que o ser humano se constrói de forma livre e espontânea, desenvolvendo no mais alto grau a afetividade, a cognição, a criatividade, a sociabilidade, a sensibilidade, o gosto, etc. É através do desenvolvimento e do aperfeiçoamento destas dimensões que o homem se torna interessante aos olhos dos demais. É nesse ambiente, convergente para a promoção de uma relação recíproca e a união entre os impulsos, levando-os ao



extremo de suas potencialidades, que será possível o desenvolvimento de uma existência plena.

Quando as duas qualidades se unificam, o homem conjuga a máxima plenitude de existência à máxima independência e liberdade, abarcando o mundo em lugar de nele perder-se e submetendo a infinita multiplicidade dos fenômenos à unidade de sua razão (SCHILLER, 2013, p. 64).

Para Schiller a educação estética, essencialmente trabalhada no universo lúdico e voltada para a beleza e para o bom gosto, é o caminho mais seguro para a promoção da formação integral dos jovens e, conseqüentemente, desencadeará em uma sociedade justa e harmônica: “Somente o gosto permite harmonia na sociedade, pois institui harmonia no indivíduo” (SCHILLER, 2013, p. 134). Dessa forma educar para o belo é proporcionar que cada indivíduo, em particular, possa reconstruir a sua vida, desfrutando e refletindo sobre as belezas externas em consonância com a sua natureza interna de *homo aestheticus*. Esse homem educado pela e para a beleza, torna-se nobre, ético e de gosto apurado, ou seja, possuidor de valores que transcendem toda a realidade e que se eterniza no espaço-tempo.

5. CONCLUSÃO

Na concepção schilleriana o homem, esse ser movido por forças opostas, é descrito como um eterno condenado a incompletude se não encontrar o seu ponto de equilíbrio. Esse equilíbrio é encontrado na descoberta e na aplicação do impulso lúdico. O impulso lúdico é a força capaz de conjugar esses opostos e fazer com que eles trabalhem unidos possibilitando, assim, ao homem caminhar em direção a sua plenitude.

Essa meta é o resultado de uma educação integral. Educação voltada para o estético, em cujo centro encontramos a beleza, nos seus mais variados aspectos. É a beleza que molda o homem pleno. O homem formado pela beleza



carrega, em si, os mais nobres valores e o poder de canalizar toda a sua energia para a realização da sua natureza humana. Infelizmente, na atualidade, temos uma educação que só se compromete com o lado racional, deixando fora do seu programa a sensibilidade e o elemento lúdico que há em cada homem.

Diante do exposto, a educação através do lúdico é uma educação plena e deve ser desejada. Mais do que desejada, deve ser buscada, pois é possível pensar uma educação, a partir de Schiller, que seja capaz de articular razão e emoção de modo integral e não estanque. Não só é possível, como também se faz urgente seguirmos pelo caminho que Schiller aponta. Contraposta a sua proposta com a educação oferecida pelo Estado, notamos o quanto estamos longe deste ideal, pois o que presenciamos é uma educação que, cada vez mais distancia o homem de si mesmo.

REFERÊNCIAS

DUFLO, Colas. **O jogo: de Pascal a Schiller**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2013.

_____. **Kallias ou sobre a beleza: a correspondência entre Schiller e Körner**, janeiro-fevereiro 1973. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SILVA, Jorge Anthonio e. **O fragmento e a síntese: a educação estética do homem**. São Paulo: Perspectiva, 2003.



Marcelo Dias Rabelo

<http://lattes.cnpq.br/2782845458843509>

